

As Redes

INTRODUÇÃO

- As redes sempre tiveram um poder de produção de subjetividade e do pensamento.
- **A hierarquização social nos impedia de pensar de forma rizomática.**
- **Com o *inflexionamento* das linguagens provocada pela morte de Deus e com o enfraquecimento do Estado contemporâneo face aos interesses do capital internacional, com a emergência dos dispositivos de comunicação, aparece aqui e ali , uma reciprocidade entre as redes e as subjetividades, como se ao retirar, a hierarquização social deixasse ver não apenas a pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede.**
- As redes tornaram-se um paradigma importante no momento em que as tecnologias da informação e da comunicação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem social.

As Redes

Subjetividade - Michel Foucault, rizoma - Deleuze e Guattari, pós-moderno - Lyotard, multitemporalidade - Michel Serres, estética da desapareição - Baudrillard e Virilio, último veículo - Virilio, redes de transformação - Bruno Latour e Michel Callon, heterotopia - Foucault, pantopia - Michel Serres, ideografia dinâmica de Pierre Lévy são um campo social que podem fundar uma verdadeira teoria das novas tecnologias como rede de comunicação biopolítica.

- **Pensar as redes é pensar aquilo que escapa ao pensamento e a representação.**
- **A referência da rede está relacionada à busca por processos de modelagem fractais que apresentam um lado voltado para a construção de modelos que constituem como totalidades das relações imanentes e outro para as singularidades das relações e paisagens irreduzíveis.**
- **Estamos engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção de subjetividades.**

As Redes

- Segundo Guattari “... até agora, as novas tecnologias resultaram em um processo de estranha mistura de enriquecimento e empobrecimento, singularização e massificação, desterritorialização e reterritorialização, potencialização e despontecialização da subjetividade em sua dimensão auto-referencial (singularizante, processual, dissensual).

A TECNOLOGIA COMO ACONTECIMENTO MULTITEMPORAL

- Guattari – as subjetividades pré-capitalistas e arcaicas eram engendradas por diversos equipamentos coletivos de modelização das formas de existência.
- Se, por um lado, a subjetividade não se reduz a um ponto de vista (subjetivo), a máquina não se reduz a uma função ou realidade objetiva.
- Se a máquina resulta de um complexo processo de subjetivação, e se a subjetividade é fruto de um agenciamento social múltiplo, não há porque separar a máquina e o homem sob a base da oposição natural/artificial.

As Redes

- **É a primeira vez na história da humanidade que a realidade do aqui e agora se encontra imersa nas tramas de uma temporalidade maquínica , que, a cada dia que passa, vai tornando mais complexo e espesso nosso aqui e agora.**
- **Devemos considerar também a tecnologia como fato cultural multitemporal, ou seja, acontecimentos singulares que remetem ao passado, presente e futuro, formando um mapa dobrável e desdobrável como uma geometria variável.**
- **O desenvolvimento da história da tecnologia se parece muito com as descrições das teorias do caos e do tempo topológico: acontecimentos que parecem afastados estão próximos, ou ao contrário.**
- **Segundo Serres, o tempo funciona como um filtro, que ora faz passar, ora impede a passagem. É desta forma que as tecnologias remetem ao duplo movimento de aceleração e desaceleração, inovação e tradição, desterritorialização e territorialização.**

As Redes

- Se vivemos uma época do homem dividido, do homem sem qualidades é porque operamos cada vez mais como um editor ou montador e nossa memória e cada vez mais uma ilha de edição não linear.

UM INCONSCIENTE INFO-COMUNICACIONAL

- **Guattari chamou a atenção para o fato de que o inconsciente, seja ele freudiano ou lacaniano, nada mais era do que um modo de produção de subjetividade entre outros. Longe de ser apenas algo como uma “faculdade da alma” , ele é inseparável da produção de signos, das instituições e das tecnologias.**
- **O inconsciente é um verdadeiro equipamento coletivo de produção de subjetivação.**
- **Podemos dizer que as diversas técnicas de comunicação e informação formam um inconsciente maquínico que interage e transforma, hoje, os inconscientes econômicos, psicológicos e linguísticos.**

As Redes

- **Século XIX e XX – formas de inconsciente (subjetividades) – inconsciente econômico – Marx, inconsciente psicológico – Freud, inconsciente corporal – Nietzsche, inconsciente lingüístico – Saussure, inconsciente imagético – Bergson.**

DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

- **O sujeito é processual. Não há sujeito mas processo de subjetivação. A subjetivação é o processo pelo qual os indivíduos e a coletividade se constituem como sujeitos. O que resiste é uma força que em vez de afetar e ser afetada por outras forças vai se auto-afetar.**
- **Esta auto-afetação é a dobra, auto-referente, auto-organizadora.**
- **Deleuze descreve a passagem da *sociedade da disciplina* para a *sociedade do controle* como uma mudança que já existia na obra de Foucault.**

As Redes

- O processo de produção de subjetividade-prisão nunca esteve, em Foucault, restrito ao espaço da prisão, nem mesmo em sua forma arquitetônica panóptica.
- **Não precisamos mais dos muros para controlar, uma vez que o controle se faz sobre os fluxos e os movimentos, por interação em rede.**
- **A sociedade não estaria engendrando uma espécie de prisão ainda mais aperfeiçoada do que todas as outras, por intermédio do veículo multimídia do ciberespaço, o computador conectado em rede, capaz de , pela telepresença, produzir uma incrível ubiquidade que nos permite ir em todos os lugares sem sair do lugar.**
- Serres – uma pantopia – todos os lugares em um só lugar e cada lugar em todos os lugares.

As Redes

HETEROTOPIA, PANTOPIA E INÉRCIA POLAR

- **Os veículos móveis e audiovisuais transformam radicalmente as nossas relações com o espaço.**
- **O momento de Inércia sucederá ao deslocamento contínuo no dia em que todos os deslocamentos se concentrarem em um só ponto, em uma imobilidade que não é mais a do não movimento, mas a da ubiquidade potencial, a da mobilidade absoluta que anula seu próprio espaço à força de o tornar tão transparente.**
- **Utopia tecnológica que supõem que as diferenças técnicas e mídias podem se fundir em uma interface única, cada vez mais transparente e que representaria uma convergência de todas as interfaces.**
- **Para Latour – os fenômenos circulam através do conjunto que compõem as redes, e é unicamente sua circulação que nos permite verificá-los, assegurá-los e validá-los.**

As Redes

- **Para Foucault – vivemos uma era obcecada pelo espaço: vivemos a época do simultâneo, da justaposição, do próximo, e do longínquo, do espaço das relações de vizinhanças e das conexões.**
- **Foucault concebe três tipos de espaço: Na Idade Média o espaço de localização que era um conjunto de lugares da hierarquização, o espaço concebido por Galileu que é um espaço infinitamente aberto, ou seja, o lugar das coisas são apenas pontos em movimento e o de hoje, o espaço torna-se topológico, passa a ser definido pelas relações de vizinhança entre os pontos e elementos, e forma série, tramas, grafos, diagramas, redes.**

DA IMAGEM FRACTAL À IDEOGRAFIA DINÂMICA

- **Para Serre existe dois tipos de ciências que se distinguem ponto a ponto e cujos modelos são a geometria e a geografia. A primeira é a ciência do geral, a segunda do particular. Uma privilegia o esquema a outra a cópia do real.**

As Redes

- **A imagem fractal é fruto de uma nova ciência, em que o modelo e a imagem, o inteligível e o sensível se unem para fabricar uma nova fenomenologia científica, gerada por um algoritmo, uma verdadeira matemática.**
- **Entramos no campo da experiência do possível e do virtual.**
- **A simulação é um verdadeiro instrumento do pensamento científico, completamente diferente da lógica e das narrativas. Os sistemas de simulação e visualização, que Lévy chama de ideografia dinâmica.**
- **É impossível exercermos nossa inteligência independente dos sistemas semióticos lógicos – línguas, linguagens, e sistemas de signos e notações, bem como dos meios – fala, escrita, livro, fotografia, cinema, multimídia, redes telemáticas e dos instrumentos formais – narrativas. Lógicas, e ideografias dinâmicas que herdamos culturalmente.**

As Redes

REDES DE TRANSFORMAÇÃO

- **As tecnologias da informação e comunicação podem ser entendidas como tecnologias da inteligência, menos por projetar ou exteriorizar a riqueza e as complexidades dos nossos processos cognitivos, mas também dos objetos, suportes e dispositivos e tecnologias que nos circundam e compõem uma rede sociotécnica de grande complexidade.**
- **A informação estabelece uma interação material entre o centro e a periferia.**
- **A rede é, portanto, a imobilidade necessária para recolher o que deve nela transitar. Consideremos a topologia especial destas redes. Redes de transformação fazem chegar aos centros de cálculos, por uma série de deslocamentos, um número cada vez maior de informações.**

As Redes

DO RIZOMA À AUTOPOIESIS

- Para Latour - os híbridos emergem da rede como intermediários entre os elementos heterogêneos, objetivos e subjetivos, sociais e tecnológicos, saberes e coisas, inteligências e interesses, em que as matérias e as subjetividades são trabalhadas, forjadas, fundidas, sem o controle dos métodos ditos objetivos da ciência.
- O conceito de rizoma criado por Deleuze a partir da concepção que Barthes tinha no livro, e foi utilizado por Lévy como um novo paradigma para entender as redes hipertextuais e as interfaces dinâmicas computacionais.
- Barthes e o hipertexto - a rede não tem unidade orgânica; nela abundam muitas redes que atuam sem que nenhuma delas se imponha às demais; ela é uma espécie de galáxia mutante, com diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal; os códigos que mobilizam se estendem até onde a vista alcança, são indetermináveis.

As Redes

- O sujeito é um sistema autopoietico e, como todo sistema autopoietico definido por Varela e Maturana, ele se organiza como uma rede auto-referente, que regenera continuamente por suas interações e transformação a rede que produziu, e se constitui como sistema ou unidade concreta no espaço em que existe, especificado o domínio topológico no qual existe como rede. A subjetividade é, como a cognição, o advento, a emergência (enação) de um afeto e de um mundo a partir de suas ações no mundo.
- As “capacidades” que co-emergem com o indivíduo em um processo de auto-engendramento não podem se vinculadas apenas a seu cérebro, mas a seu corpo, que ultrapassa de longe o seu invólucro corporal e se estende até onde se estendem suas redes sociotécnicas, seus hábitos, seus apegos.

As Redes

DA COMUNICAÇÃO À BIOPOLÍTICA

- **Biopolítico** foi o termo forjado por Foucault para designar uma das modalidades do exercício do poder sobre a população enquanto massa global. Um grupo de teóricos, dentre eles Negri e Lazzarato, propôs uma pequena inversão conceitual. Com ela, a biopolítica deixa de ser a perspectiva do poder sobre o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida.
- A vida deixa de ser reduzida à sua definição biológica para se tornar cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos. O bios é redefinido intensivamente, no interior das máquinas semióticas, moleculares e coletivas, afetivas e econômicas, aquém das divisões paralisantes: humano/inumano, biológico/mecânico individual/coletivo.
- Todos, trabalhadores e não-trabalhadores, participam do sistema produtivo pelo simples fato de contribuírem para a produção de afeto e subjetividade.
- O trabalho se tornava cada vez mais produção de subjetividade, conjunto plural de capacidades produtivas, de capacidade de cooperação, de desejos e de afetos.

As Redes

MATRIX, OU A REGRESSÃO DA SUBJETIVIDADE

- **Examinaremos rapidamente as idéias de alguns autores para os quais as tecnologias avançadas estariam levando a um processo de regressão da subjetividade e das relações sociais.**
- **Se cada veículo produz uma nova relação com o espaço - o espaço que se estende diante de nós não é o mesmo se dispormos de um cavalo, um carro, ou um avião - , por que não aceitar as diferenças produzidas pelo novo veículo do ciberespaço? Longe de anular o espaço, as tecnologias produzem outras formas de espacialidade ou heterotopias.**
- **Baudrillard, seguindo o mesmo tema da anulação e da aniquilação, teme que o processo de virtualização dos signos leve a uma estética da desapareição do real, uma vez que na era do simulacro as imagens se tornam auto-referentes (sem referente social exterior) e o real se torna apenas uma miragem produzida pelo simulacro.**

As Redes

- Lyotard teme que a informação, cujas mensagens devem ser todas codificadas em linguagem de máquinas, transforme o saber em pura mercadoria para circular em suas redes de reprodução do capital. ... a crise gerada pelas novas tecnologias diz respeito às condições do espaço e do tempo, com suas duas expressões: “*moderna*, só nos resta o espaço e o tempo e *pós-moderna*, não nos resta nem mesmo o espaço e o tempo”.
- Lyotard, Virilio e Baudrillard não perceberam que as tecnologias de informação e comunicação constituem um novo espaço de lutas entre outros. Um espaço ainda mais importantes, porque se tornou uma nova dimensão do sistema produtivo, e a este respeito não tem outro limite senão a finitude de nossos desejos.